



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



SÍNDROME DE ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO EM CÃES

SILVA, Beatriz de Toledo¹
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata²

RESUMO

Nos dias atuais os animais de companhia se tornaram membros importantes da família multiespécie e com isso os tutores se preocupam cada dia mais com o bem-estar dos mesmos, dando importância para doenças que antigamente eram tratadas como banais, que é o caso da síndrome de ansiedade de separação, uma doença comportamental que afeta tanto a qualidade de vida do animal como de toda sua família. A Síndrome de Ansiedade por Separação também conhecida como SAS, é uma doença comportamental que é caracterizada em respostas comportamentais e fisiológicas, a causa da doença ainda é discutida entre vários autores, porém, pode-se ter fatores predisponentes como traumas, o processo de humanização, medos de mudança na rotina, barulhos e mudança de residência. Cães com a síndrome podem apresentar sinais clínicos de comportamento destrutivo, vocalização excessiva lambadura exagerada, arranhar portas, sialorreia, defecar e urinar em lugares inapropriados, movimentos repetitivos. O diagnóstico da doença é realizado por meio da anamnese, exame físico completo e exames laboratoriais e exclusão de diagnósticos diferenciais. O tratamento pode ser realizado com manejo comportamental e terapias alternativas como enriquecimento ambiental, e em casos mais graves pode ser administrados medicamentos. Neste contexto esse estudo teve como objetivo analisar quantos animais possuem os sinais clássicos de SAS e não são diagnosticados, a elaboração desse estudo foi embasada em dados coletados através de 63 questionários respondidos por tutores de cães.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade, comportamental, hipervinculação.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Bampi (2014) o número de animais de companhia acometidos pela síndrome da ansiedade de separação (SAS) continua a aumentar significativamente, onde é uma patologia relacionada com distúrbios do vínculo relacionado ao humano-animal que resulta em uma hipervinculação e com alterações comportamentais diretamente ligadas com o distanciamento do cão de sua figura de apego, que normalmente é seu tutor.

Portanto, com esse crescente número de casos, é necessário a criação de protocolos terapêuticos e preventivos para reconhecer os sinais clínicos, devido ao grandes problemas dessa patologia (BORDIN, 2012).

Sendo assim, é necessário entender essa patologia desde sua definição, apresentação de sinais clínicos e abordagem terapêutica, deixando em evidência a necessidade do manejo correto destes quadros para assim evitar abandonos e promover o bem-estar animal (BAMPI, 2014).

¹ Formanda em Medicina Veterinária do Centro Universitário FAG. E-mail: btsilva2@minha.fag.edu.br

² Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócios. Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: eduardo@fag.edu.br



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Dessa maneira, foi levantado como problema dessa pesquisa a seguinte pergunta: Qual a incidência de cães não diagnosticados que apresentam os sinais clínicos da Síndrome de Ansiedade de separação? Visando responder ao problema proposto, foi objetivo desse estudo descobrir através de questionários enviados para grupos de Whatsapp de tutores de cães quantos animais não diagnosticados possuem os sinais clínicos da síndrome de ansiedade de separação (SAS).

Para uma melhor leitura esse artigo foi dividido em 5 partes, iniciando-se pela Introdução, passado pelo Fundamentação Teórica, após isso, o capítulo materiais e métodos para então chegar ao capítulo Análise de Discussões e por fim as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SÍNDROME DE ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO

A síndrome de ansiedade de separação (SAS) é uma patologia comportamental caracterizada pelo conjunto de sinais comportamentais demonstrados pelos cães em associação ou isoladamente ao ficarem sozinhos ou separados da sua figura de apego. É considerada uma das patologias comportamentais mais comuns nos cães (NOVAIS; LEMOS; JÚNIOR, 2010).

Segundo Novais, Lemos e Júnior (2010) essa síndrome pode ser definida como uma apreensão decorrente da remoção de ambiente familiares ou pessoas significativas, que manifesta-se durante a ausência do tutor sendo de forma real ou pelo simples impedimento de acesso ao mesmo.

Esse problema comportamental pode ser resultado da natureza social e do seu vínculo emocional entre os cães e os humanos, a hipervinculação patológica foi relacionado com a alteração comportamental que resulta na síndrome, porém nem todos os animais que possuem SAS apresentem necessariamente o sinal de hipervinculação (SIMPSON, 2000).

A SAS está diretamente ligada ao manejo dos tutores ou cuidadores, em que os cães os veem como sua figura de apego, construindo uma relação de vínculo emocional e afetivo intenso. Nessa relação pode haver excesso de proteção e afeto por parte do tutor, o que muitas vezes acaba prejudicando na saúde psicológica desse animal e sua qualidade de vida e conseqüentemente de sua família humana (SPILLER; NOVAIS; MORETTO, 2012).



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



2.2 SINAIS CLÍNICOS

Os sinais clínicos mais comuns são vocalização excessiva, destruição de objetos, defecção e micção em lugares não próprios. Outros sinais que podem ocorrer são vômitos, depressão, comportamentos repetitivos compulsivos como tricotilomania e lambedura exagerada de membros e flancos (McCRAVE, 1991).

Segundo Novais, Lemos e Júnior (2010) também pode ocorrer automutilação, excesso de salivação, tremores, anorexia, agressividade e comportamentos relacionados ao medo excessivo que acontecem na ausência do tutor que é sua figura de apego.

Esses sinais geralmente começam dentro cinco a trinta minutos após a saída do tutor ou mesmo quando preveem a saída e já demonstram sinais de inquietação, há possibilidade dos sinais comportamentais da SAS continuarem o dia todo até que o tutor retorne para casa ou até o cão se cansar e relaxar (McCRAVE, 1991).

2.3 DIAGNÓSTICO

Para realização de um diagnóstico correto é necessário se avaliar o animal em todos os aspectos, sendo assim feita uma anamnese completa. Além da anamnese oral, certos comportamentos relatados pelo tutor podem requerer exames complementares específicos como exame neurológico completo, hemograma, avaliação da tireoide, exame de fezes, urinálise e perfil bioquímico (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

O diagnóstico é concretizado em observar o comportamento do animal principalmente no período que antecede e sucede a chegada e saída do tutor para que sejam excluídas causas médicas ou outras patologias comportamentais, fotos e vídeos podem ser auxiliares durante o diagnóstico (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Outro ponto importante é saber quando o problema iniciou, pois isso pode significar que o distúrbio é decorrente de fatores que ainda não foram observados pelo tutor, como longos períodos fora de casa e presença de pessoas estranhas ao animal. Saber o que o tutor fez antes de levar o animal para a consulta é essencial para resolver o dilema, como tratamentos farmacológicos e a resposta obtida, são importantes para possíveis diagnósticos (BEAVER, 2004).



2.4 PROGNÓSTICO

Para definir um prognóstico de uma patologia comportamental é necessário saber o grau de comprometimento do tutor com o bem-estar do animal, pois o tratamento pode envolver mudanças comportamentais de sua parte, técnicas de adestramento, uso de medicações psicoativas e exercícios constantes. Sendo assim o tutor deve ser informado e estar ciente de que o tratamento da SAS não é fácil, pois requer muito comprometimento, paciência, atenção e compromisso (BEAVER, 2004).

Esse prognóstico será bom se alguns pontos forem observados como por exemplo, se os sinais foram manifestados há pouco tempo e se não apresenta sinais mais graves, sendo assim uma resposta satisfatória ao tratamento requer um trabalho em equipe entre o veterinário e o tutor (BEAVER, 2004).

2.5 TRATAMENTO

O tratamento da SAS se baseia na conjunção de medidas tomadas para a conscientização do tutor para mudar seu comportamento com o seu animal, e também manejo ambiental e correção problemas comportamentais resultantes da síndrome como a vocalização em excesso, evacuações em lugares impróprios, destruição de objetos, com ou sem auxílio de fármacos no caso de cães com sinais graves (BEAVER, 2004; BORDIN, 2012).

Uma medida de início imediato e simples após o diagnóstico é a mudança de comportamento do tutor durante sua chegada e saída de casa, com o intuito de não estimular mais a hiper-veiculação com o seu pet. Com o objetivo de estimular a independência do cão e não provocar crises de ansiedade, também se necessário fazer o uso em combinação de fármacos (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Os resultados do tratamento virão conforme as medidas para correção de comportamentos anormais forem sendo aplicadas de forma corretas e constantes, sendo assim resultados negativos podem surgir se o tutor não ter a paciência necessária e usar meio de punições quando o animal realizar um de seus comportamentos em decorrência da SAS, como por exemplo urinar ou defecar em um lugar inapropriado, esse tipo de ação do tutor só irá agravar a situação do animal tornando a jornada até a cura mais difícil e longa (BORDIN, 2008).



3. MATERIAIS E MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa que utilizou o Método descritivo. Quanto aos procedimentos esta pesquisa enquadra-se em quantitativa. Em relação a natureza, trata-se de uma pesquisa exploratória. Considerando-se os procedimentos, este estudo é de Survey. Já a abordagem se caracteriza como hipotético-dedutivo. A coleta de dados se dará de forma virtual através das Plataformas Google Forms e WhatsApp.

Os tutores foram contatados através de redes sociais como: Instagram, Facebook e via WhatsApp para responderem o questionário *Google forms*.

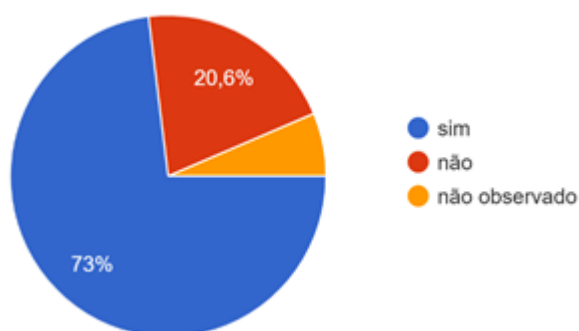
4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O atual estudo se procedeu via google formulário, onde tutores responderam um questionário com perguntas padrão para o diagnóstico da síndrome de ansiedade de separação, visto que é um distúrbio que se confirma através da anamnese oral com o tutor e descarte de outros diagnósticos diferenciais.

No total foram coletados 63 formulários respondidos por tutores, onde foi possível observar os sinais que os animais apresentam.

Segundo McCrave (1991) os sinais clínicos mais comuns está a vocalização excessiva, podemos visualizar que 73% dos animais do estudo apresentam esse sinal. O gráfico 1 demonstra essas informações.

Gráfico 1 – O cão late, chora ou uiva ao ficar preso?

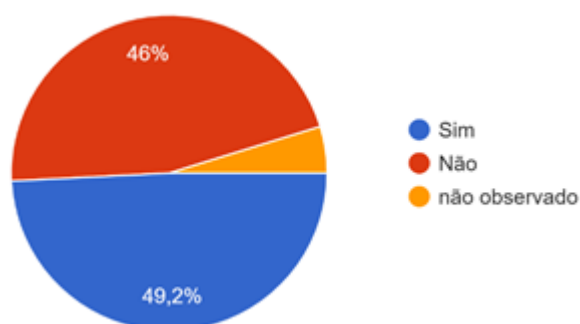


Fonte: Dados da pesquisa

Outro sinal clássico da síndrome é a destruição de objetos e momentos de euforia como arrancar portas e janelas incessantemente, que chamamos de comportamentos destrutivos. Em um estudo feito por Flannigan e Dodman (2001) os comportamentos destrutivos reportados em cães com SAS foram reportados em 71,7% dos 200 cães com SAS avaliados.

Nesse estudo foi possível observar que de 63 animais analisados 49,2% apresentavam sinais de comportamentos destrutivos, o que indica um alto número se comparado com a quantidade de animais analisados. O gráfico 2 apresenta esses dados.

Gráfico 2 – O cão arranha portas\janelas quando fica sozinho ou preso?



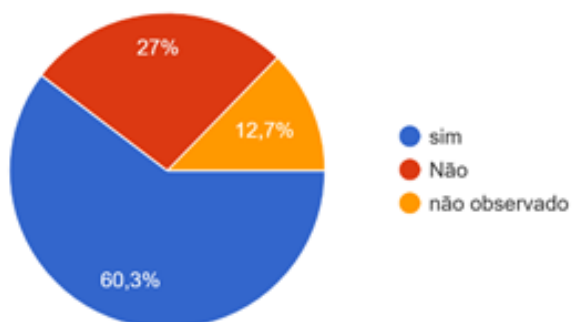
Fonte: Dados da pesquisa

Os sinais da síndrome de ansiedade de separação normalmente ocorrem na ausência do tutor, porém em momentos específicos como por exemplo perto do horário de saída do tutor é possível notar alguns comportamentos padrões do animal.

Segundo Alves (2021) o animal pode começar a ficar mais quieto ou mesmo começar com movimentos repetitivos e também lambeduras em excesso em partes do corpo.

Podemos observar no gráfico 3 que esse sinal é comum entre os animais analisados no estudo.

Gráfico 3 – O cão tem habito de lambar as patas com muita frequência?



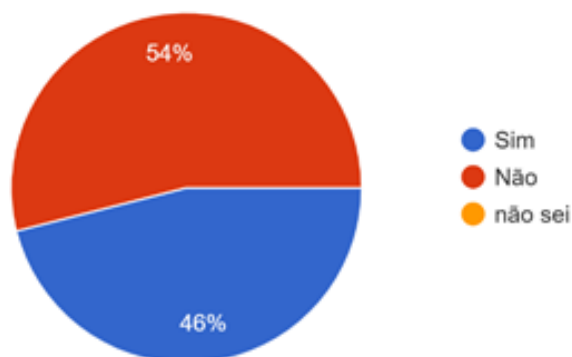
Fonte: Dados da pesquisa

Outro aspecto a ser observado em relação ao desenvolvimento da síndrome de ansiedade de separação em cães é o comportamento do tutor em relação ao animal. Muitas vezes o tutor também desenvolve hipervinculação ao *pet* e isso pode gerar hábitos que não deixam o pet criar sua dependência como por exemplo, dormir na cama com o tutor, não ter contato com outros animais, não aprender a ficar sozinho, e automaticamente isso pode pré-dispor o animal a criar distúrbios comportamentais.

Segundo O'Farrell (1997) alguns comportamentos dos tutores podem predispor o animal ao desenvolvimento da SAS, a personalidade e as atitudes do tutor também influenciam, por exemplo, pessoas mais ansiosas e propensas a estados emocionais mais negativos podem causar em seus animais sintomas semelhantes.

Podemos observar no gráfico 4 a quantidade de tutores que deixam o pet dormir no mesmo ambiente que eles.

Gráfico 4 – O cão dorme no mesmo ambiente que alguns dos tutores?



Fonte: Dados da pesquisa

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo concluiu que a Síndrome de Ansiedade de Separação em cães é um distúrbio comportamental que é considerado frequente na sociedade atual e um dos distúrbios comportamentais mais recorrentes em cães, porém, ainda pouco diagnosticado e pouco conhecido pelos tutores, por esse motivo muitas vezes ocorrem abandonos irresponsáveis de animais.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Diante dos resultados dos questionários analisados concluiu-se que a Síndrome da Ansiedade de Separação é um distúrbio comportamental que afeta os cães quando os mesmos desenvolveram algum trauma no início de sua vida ou por irregularidades em sua criação que estimularam o aparecimento desse distúrbio e que na atualidade muitos cães expressam os comportamentos e sinais da síndrome, porém não são diagnosticados e consequentemente tratados.

É de extrema importância a compreensão e a identificação da síndrome por parte do médico veterinário e a conscientização, dedicação e comprometimento dos tutores com seus animais.

REFERÊNCIAS

ALVES, B. T. S. **Síndrome da ansiedade de separação em cães**. Orientador: Veridiane da Rosa Gomes. 2021. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Medicina Veterinária) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2021.

BAMPI, G. **Síndrome de ansiedade de separação em cães**. 2014. Monografia. (Graduação em Medicina Veterinária). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

BEAVER, B. V. **Comportamento canino: um guia para veterinários**. 1 ed. São Paulo SP: ROCA, 2004.

BORDIN, A. D. **Síndrome da ansiedade de separação (SAS): quadro clínico, repercussão no bem-estar animal e no vínculo humano-animal**. 2012. Monografia. (Graduação em Medicina Veterinária). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2012.

FLANNIGAN, G.; DODMAN, N.H. Risk factors and behaviors associated with separation anxiety in dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association** **219** v. 4, p. 460-466, 2001.

LANDSBERG, G. M. et al. Effectiveness of fluoxetine chewable tablets in the treatment of canine separation anxiety. **Journal of Veterinary Behaviour: Clinical Applications and Research**, v.3, n.1, p. 12-19, jan. 2008.

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2005.

McCRAVE, E. A. Diagnostic criteria for separation anxiety in the dog: advances in Companion Animal Behavior. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 21, n. 2, 1991.

NOVAIS, A. A.; LEMOS, D. de S. A.; JUNIOR, D. de F. síndrome da ansiedade de separação (SAS) em cães atendidos no hospital veterinário da Unicastelo, Fernandópolis, SP. **Ciência Animal Brasileira / Brazilian Animal Science**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 205–211, 2010.

O'FARRELL, V. Owner attitudes and dog behaviour problems. **Applied Animal Behaviour Science**, v.52, n.3, p.205-213, 1997.



11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE

14-15-16
MAIO - 2024



SIMPSON, B. S. Canine separation anxiety. **The Compendium on Continuing Education for the Practicing Veterinarian**, v. 22, n. 4, p. 328-339, 2000

SPILLER, P. R.; NOVAIS, A. A.; MORETTO, V. M. S. Estudo descritivo sobre a síndrome de ansiedade de separação (SAS) em cães. **Clínica Veterinária**, Ano XVII, n. 101, p. 56-62, 2012.